



ESTA É MAIS UMA PASSAGEM de continuação da história que vem sendo desenvolvida conforme a primeira e a segunda parte que foram contadas nas Edições 26ª e 36ª deste jornal: Aconteceu no Cinema do Instituto Penal Cândido Mendes (IPCM) - supostamente, em outubro de 1978, um homicídio seguido de fuga.

A perícia do Salão Cinematográfico e o inventário do morto tiveram início no calor da ocorrência do assassinato do interno cinegrafista Mário Kaliu que operava o cinema da Vila Dois Rios. Quando o senhor diretor Capitão PM Barreto, foi ter uma conversa prudente com os seus subordinados da equipe do Serviço de Segurança do presídio: Sargento Souza, era o grande chefe de

segurança do presídio na época, homem brioso muito bem organizado no seu trabalho; Sargento Amichi - pessoa cordial, sábia e vibrante, chefe da Seção de Disciplina e Sargento Brun - chefe da Seção de Vigilância, este era um militar temático, todos os presos e guardas deveriam vir vestidos com trajes dos anos 1960 para ele atender se não dizia está fora do regulamento.

Reuniram a uma parte ali mesmo no interior do Cinema e fizeram entendimento, dava para notar a idéia que girava entorno de uma grande volante para atravessar o meio mundão de mata e montanhas que compõe a Ilha Grande, para recapturar os prisioneiros fugitivos da penitenciária, parecia querer num sopro a busca do bando

escapado pelo cinema. Numa fuga que a Vila de Dois Rios da época rotulava de "A FUGA DO CINEMA".

Ele o diretor da penitenciária era que ao Sargento Souza tinha aconselhado dividir, os Agentes Penitenciários e Policiais Militares rastreadores em duas volantes para se ter a ilha num dia revirada. Era este o pressentimento, agora que já se sabe quem são os fugitivos, quantos são, como se deu a fuga e a que hora; resta ir atrás da quadrilha e cercar nas praias, que só Deus via lá do estrelado do céu, olhando a onde seriam encontrados aqueles prisioneiros no mato de noite, ou no outro dia, já em terras muito longe?

Na mesma hora avisou que podia sair todo mundo do Cinema: (Agentes Penitenciários e Policiais Militares) sem deixar os maiores estragos. E, a Volante deveria apressar para arrumarem direito às mochilas de mato. Com este afrouxamento, puderam sair daí do Cinema \_ os Agentes penitenciários e os Policiais Militares, para a Portaria do Presídio, num pintar de guerra. Existia já um homem morto, e mais muitos podiam estar mortos na rota da fuga. Só não podia acabar as volantes saindo de noite, por meio da claridade regular das estrelas. E, foi assim que ausentaram dali todo mundo, pulados num piscar de olhos. Qualquer erro dos volantes na arrumação da bagagem, aquela frente de recaptura perdia a condição de êxito na missão. A ordem dada pela chefia de segurança orientada pelo senhor diretor não podia aguardar céu alto e o adiantado da lua que vinha naquela noite. Com a hora aprazada já havia ali alguns

padecimentos de estômagos, os patrulheiros tramavam zuretos de fome, o jantar não dava pronto a tempo útil, mandaram que fizessem ligeiro à maneira razoável uns bifos vultosos de chapa, bateram asa até lá, arrumaram jeito e estavam comendo. Alguns Agentes Penitenciários e Policiais que iam para o mato. Quem não ia para o mato não chegou a provar a carne, ficou esperando o jantar.

Momentos antes o diretor e as chefias de segurança já havia lá no local da fuga se reunidos com os chefes das volantes e deixaram os encarregados do descobrimento da saída dos fugitivos do interior do Cinema:

\_ Cabo Antônio Nicacio e Francisco Euzébio, estes dois mestres grandes assumiria a chefia da volante. Como batedores eles levariam: Jovelino, Valdir Jordão, Cantuária, Antônio Cordeiro da Gama, Ezequiel, João Pereira, João Lucas, Raul, José Carlos, Carlinho, Sebastião, exímios rastreadores e outros. E, assim foram eles. Receberam a ordem e já em seguida, os dois chefes reuniram os seus auxiliares e bateram o interior do Cinema, como se fosse procurando agulha no chão. Em poucos minutos uma saída foi detectada no tablado do palco. Um deles descobriu lá uma tábua a um canto, furtivamente despregada, e sobreposta no mesmo lugar, de forma que ninguém descobrisse. E, sendo assim estaria entendido que por ali saíram os mais de dez prisioneiros em fuga, acompanhando o Gravatinha e o Saldanha, deixando os cadeados mixórdiados com gazua, nos mesmos lugares, conseqüentemente, a porta de

subida à Cinemateca, trancada como se nada tivesse acontecido de fora para dentro do Cinema. Partindo desse ponto encontrado no tablado do palco, enveredou-se de imediato um rastreamento pelo pátio do esqueleto do prédio do Presídio Anexo atravessando a cercania em direção ao Estábulo.

Este grupo de volante já treinado trabalhar junto, vasculhara a beira-estrada que corta ao meio a Vila de Colonos Livres que se estende do Estábulo até a Olaria. Sem o rastro dos fugitivos ficou difícil seguir adiante, porque no meio de comunidade não se acredita em nenhuma pegada de pé; tem que pegar na frente o verdadeiro rastro deixado para adiante seguir batendo e apurando o caminho que vai ficando para depois concluir a direção certa. A volante do Chicão pulara a Vila de Colono Livre passando direto até a Olaria, já lá concluíram a direção que o bando de prisioneiros havia seguido na fuga.

Enquanto isso a perícia policial investigativa do alto escalão de Segurança do Presídio: - conclui-se no interior do cinema, que os cadeados haviam sido todos arrombados pelo interno Saldanha o "Bigode" no momento em que esteve fora da prisão trabalhando na capina, e, cujo, em indeterminado momento num piscar de olhos havia corrido ao Cinema e fez o serviço, quer dizer, um assassinato e brocado os cadeados da porta da subida para a Cinemateca e os cadeados dos portões do meio que dá acesso ao Pátio da Enfermaria no interior do Instituto Penal Cândido Mendes. Sem arrombar a porta

principal do Cinema. Havia entrado consequentemente, pela porta lateral que dá acesso a escada que leva à Cinemateca e desceu pela Parede da Sacada ao interior do Salão de espetáculos do Cinema.

A análise pericial não determinou como o Bigode desceu ao interior daquele Salão. Tentou dar uma explicação dizendo que era façanha de artes marciais: - isto porque, somente, lacraia poderia escalar a parede alta demais para descer sem ajuda e depois da mixórdia feita nos cadeados e preparar a passagem pelo palco, retornou ao local de trabalho pelo mesmo caminho. Deixando a porta lateral por onde entrou trancada com a chave, que tomara na marra da vítima: (o interno Mário Kaliu). Voltando a trabalhar na capina até quase dez horas como se nada tivesse acontecido. Foi quando inventou a tal dor de barriga e, então, pediu para regressar ao interior da Prisão com objetivo de avisar os companheiros seus, para escapar, pois, o caminho da fuga já estava neste momento preparado.

A avaliação feita no local do crime continua deduzindo: \_ que a fuga, com certeza foi planejada com alguma antecedência dentro das celas das galerias do Instituto Penal Cândido Mendes. Que o bando sabendo a condição do Saldanha, trabalhando na faxina do lado de fora do estabelecimento, tinha a possibilidade, melhores do que os outros internos de fazer tal serviçinho, com aval da cúpula da Falange Vermelha, no auge de sua formação organizadora, permitiram quatorze componentes da facção

escapar e outros internos podendo fazer o mesmo, porém, não houve tempo, a fuga foi detectada no primeiro momento.

O alto escalão do Instituto Penal Cândido Mendes (IPCM) continuava nas suas deduções investigativas lá no Cinema, remoendo as idéias: comentando daqui, comentando dali – “o cara matou pelo lado de lá - deduzia o Senhor Sargento Brun, apontando com o dedo indicador da mão direita para o alto da sacada aonde Kaliu estava pendurado ainda, mostrando detalhe de suas teses ao Senhor Sargento Amichi; Sargento Souza, concordava plenamente com as opiniões da dupla, tomando opinião vez e outra, com o Senhor Diretor Capitão Barreto que, neste momento, confabulava com o Comandante do aquartelamento da Polícia”.

- Juntos encarregavam-se de novas averiguações que, para outros, não precisavam fazer mais, “a cômodo o criminoso começou a sua ação, hoje, diziam \_ de manhã, entre oito e meia às nove horas; não esbarrou mais em nada depois de cometer o crime, foi embora deixando a porta trancada”.

- O Senhor Diretor em determinado momento achou de ir ver o pé da mesa, onde era o lugar exatamente que, o criminoso atou a ponta da corda e, as armas usadas no crime e trens que Mário Kaliu deixava. Chamou uns funcionários e encarregou o Agente Penitenciário Adilson Teixeira da Cunha, do inventário, por ser ele ajudante administrativo do senhor Natalício José Martins.

- Ali mesmo Adilson determinou que, o morto não tendo parentes, então, havia

de deixar os pertences para os amigos. Os pertences melhores determinavam entregar a quem fosse o mais chegado como lembrança e assim ficassem as pulseiras e cordões, o anel de prata batida e brilho, medalhas, crucifixo, capote, o cantil revestido, capangas, a rede e as vasilhas domésticas, bentinho milagroso e outros utensílios.

Alguém da comissão do inventário disse sugerindo que o armário grande de guardar filmes, devia ficar ali mesmo no cinema, sendo dele as outras coisas. E, alguns pertences mais como camisas, toalhas e chinelos ninguém quis.

Adilson, então chamou o, Agente Costinha – o “Cuspidor”, encarregado da repartição de material, a ele determinou e esclareceu levar tudo que se caso sumisse fosse grave. E recomendou: Este outro armário é para guardar os filmes merecidos e as relíquias do Cinema. Mas para a repartição, mandou guardar somente os dois pelegos de berbezim que servia para forrar a cadeira bruta de pau usada pela vítima, feita na serraria pelo Niquissé de encomenda, emplastada de verniz estava ali, onde Kaliu se assentava atrás dos projetores e depois se acomodava para descansar e tirar uma soneca. Agora os berbezinhos ficariam na Seção de Material, então, localizada no final do galpão da antiga Colônia Correccional, um no chão para pisar e outro na carga. E um bentinho milagroso de bronze, confeccionado colado em três pontas de estrela com um brasão no centro ia ser pendurado na parede para recordação.

Entre as relíquias do Cinema estava um filme de alta repercussão

internacional que, algumas dezenas de anos atrás fizera sucesso no Brasil e, nesta época fora pela censura do presídio proibida a sua exibição, por ser considerado pornográfico. Trata-se de um filme de longa metragem, de Brigitte Bardot, uma beldade, que era guardado na cinemateca com grande zelo pelo interno Mário Kaliu, armazenado numa lata redonda bem fechada e na capa trazia uma inscrição: “Pertence 9054, doação feita ao IPCM, por intermédio de Santiago”.

Amichi considerava que não havia outro cinegrafista igual o interno Kaliu neste lugar, e para elogiá-lo disse: – “Estou para ver outro interno com igual zelo e caráter” e apertou a mão dele nuns toques. O almoxarife dobrou de ar perturbado, vendo o Sargento apertar a mão do morto, tratou de recolher tudo de guardar como inventário para os amigos do morto se não viesse família procurar para levar as coisas.

E as relíquias ficaram trancadas ali mesmo no Cinema: Estas eram certos filmes que trazia polemica, do que podia ou não ser exibido do gênero de Brigitte Bardot, que, não pode ser exibido nem aqui nem no Abraão, depois que Santiago um funcionário antigo, ter se empenhado tanto na doação feita auxiliada pela comunidade cinematográfica da região (Angra – Mangaratiba).

Mas tinha de passar pelo Serviço de Segurança do Presídio, qualquer exibição para presos. E, foi gerado polemica entorno dos filmes que são importantes pelo que são e os que são importantes pelo que representam.

Houve quem nesta discussão, do que pode e o que não pode, disse apimentando as idéias de que, Deus criou a mulher para ser mostrada no meio masculino e, que aquele filme deveria ser exibido no final da semana, no horário das 20 horas.

O filme inicialmente veio para o Abraão e ia passar no cinema de lá, todo mundo queria ver o filme, mas também pudera! Era mulher belíssima que se encaixava nas duas categorias, mas se destacava, principalmente, mais na segunda. E a rapaziada, os Agentes Penitenciários que trabalhavam nas galerias, à noite depois do confere geral da prisão, realizado por volta das 21 horas, estando a cadeia toda trancada, chamava o interno Kaliu, que morava fora no regime extras-muros para colonos-livres, e ia para o Cinema ou para o Auditório da terceira galeria, na encolha, ver os filmes proibidos. Eram os seus fracos, porque se a Segurança da Prisão pegasse na infração, eles levavam uma punição. Tinha que ser tudo muito bem armado com o Inspetor de Dia. Algum Agente não ia ver o filme porque ficava com medo da punição que vinha depois.

O filme, diziam já era velho dos anos cinqüenta. Era um marco na história do erotismo e da abordagem do sexo no cinema, mas também, antes de tudo, a personagem principal. Aparecia nua nas cenas do filme, uma verdadeira beldade, a aberração da época, que foi responsável pela criação do mito Brigitte Bardot, maior símbolo sexual da história da França e um dos maiores ícones daqueles

anos cinquenta. Ao lado de Marilyn Monroe e James Dean.

Conseguir trazer uma cópia deste filme aqui na região não foi tarefa fácil para o interessadíssimo Santiago pelos espetáculos de cinema, bom camarada e dado a divertimento com exibições audiovisual, naquele tempo que ainda não tinha Internet, tinha uma burocracia engessada e paralisada que atuava na área, adotando práticas e procedimentos adequados às características dos produtores em busca de recursos em troca de distribuição feita pela alimentadora Embrafilme, mais tarde foi extinta em 1990. Como aqui na região do presídio tinha salas e bons projetores, Santiago, acreditava no diálogo – isto era coisa que ele entendia.

Não foi tarefa fácil porque excedia as exigências da produção para o tipo de casa de espetáculo abaixo das qualificadas como de primeira e segunda, e aqui na região não se enquadrava por falta de renda em nenhuma nem na quinta categoria.

A bombástica francesa era a alma do filme pensado e realizado para ela por seu então marido Roger Vadim, que além de novo na direção, também era ciumento com a rolagem da fita, sem público de bilheteria expressiva. Aos 22 anos, com nada mais ou menos de 15 participações em filmes no currículo, Bardot tinha cara de ninfeta e pose de mulher experiente e ousada. Despertava paixão em homens de todas as idades, dentro e fora das telas.

Não só pela nudez sempre insinuada no filme, por trás de um lençol ou pelo decote estrategicamente aberto de um

vestido na praia, mas também pela atitude de mulher que sabia a reação que provocava nos homens e usava esse poder para articular a vida.

A atriz interpretava a órfã Juliette Hardy, uma espécie da mais tarde, Tieta na novela da TV Globo, (naqueles anos, era um perfeito cenário fotográfico num belo Cine Odeon do Passeio), sempre descalça e, freqüentemente, seminua. Prestes a ser mandada de volta para o orfanato por conta do seu comportamento desprezado, deposita, as suas esperanças no jovem pescador Antoine (protagonizado por Cristian Marquand), que promete leva-la dali, apenas, com uma desculpa, para a conquista. Depois de ser deixada na porta de um ônibus por Antoine, acaba, sendo resgatada, pela proposta de casamento do irmão mais novo do rapaz, Michel - (protagonizado por - Jean, - Louis Trintignant de “A Fraternidade é Vermelha”), que, já havia feito sucesso em outro papel de destaque no cinema. Quando Antoine volta para a cidade natal, para administrar os negócios da família, todas as relações são abaladas pela presença da moça – numa referência bíblica explicitada já no título, a mulher é o pivô da discórdia entre irmãos.

E, o filme não tinha nada demais, resumia-se numa briga de irmão contra irmão por causa de uma mulher. O importante do filme era que ele não caia tão fácil na armadilha de colocar os homens como vítimas da mulher fatal. Suas atitudes são movidas por fraquezas e características suas catalisadas pela presença da bela jovem.

Michel, o marido é traído, mas perdoa

porque a ama e não por que ela o conquista de volta. Antoine, o que inicialmente a despreza, não consegue controlar a frustração de nunca a ter tido. Carradine, o patrão, a corteja, compreende a sua índole e a admira por isso.

E, finalmente, o filme foi exibido, somente para uns poucos assistir tarde da noite e escondido. E os que não viram o filme ali no Cinema do Presídio, perderam um bom pedaço da época da abordagem de um tema polemico, de uma atriz considerada corajosa na década de 50, 60, 70 e início de 80. Os prisioneiros coitados! Ficaram na saudade até... quem sabe? Um dia assistir na liberdade um filme já considerado ultrapassado, mas que permaneceu envolvente até quase o final da década de 1980, mesmo que não chocava mais como fazia a quarenta anos passados no Brasil. Se fosse exibido atualmente não teria censura, seria livre. Seria menos agressivo à família do que uma dessas novelas do horário das vinte e uma horas da TV Globo, como foi a pouco tempo *Insensato Coração*, *Aquele Beijo*, *Avenida Brasil* e agora está sendo apresentada a polemica novela, "*Salve Jorge*" que tem cara de Antioquia, (pelos hábitos libertinos, resumida, num posto avançado do Oriente Médio, notoriamente composta por corruptos extravagantes, batidas, em citações de Ovídio e Virgílio contrariando as escrituras cristãs. Onde as mulheres deleitavam-se em roupas curtas escandalosas e enfeitavam-se com adornos indecorosos, e algumas ao menos é o que nos dizem a fama – chegavam a encomendar aos artesãos da cidade,

coberturas cuidadosamente confeccionadas em ouro com pedras preciosas para as suas partes vergonhosas, não para vestir a aparência de suas vergonhas ou para refrear a chama da luxúria, mas para que aquilo que era proibido pudesse inflamar ainda mais os homens, que depois de aliciados não desejavam outra coisa senão o prazer mundano, tomados por aquelas que se prostituíam enriquecendo o tráfico pelas casas noturnas e ruas da cidade).

A atriz interpretava uma sessão de dança no porão de um barzinho. Fazia uma órfã com estilo muito parecido com aqueles estilos das novelas, conforme era a *Tieta*, também posso dizer *Gabriela e Beija* exibidas com grande sucesso num tempo duvidoso.

Um mal da criação humana o filme que não passou pela censura do nosso cinema velho que está ali aos pedaços sem porta, sem janelas e quase sem o telhado. Outrora foi um bom espaço de diversão desta região, do que tinha de melhor no mundo, uma espécie de centro cultural, palco de peças de teatro de atores presos, e os mais movimentados festivais da música do Sistema Penal do Rio de Janeiro de presos compositores, cantores e músicos. Da música pop juramentado ao vivo pela Ordem dos Músicos da Seção de Angra. Gril, Paulo Mattos e outros componentes da cultura de Angra, sentaram-se muitas vezes debaixo daquele teto, noite afora até alta madrugada para julgar e tirar uma casquinha da melhor composição dos presos do Sistema Penal apresentada num dos festivais já na influência da grande transição carcerária que passava de

submissa a autoritária, abusada, violenta e além de tudo indisciplinada.

A Instituição se transforma em penitenciária e ganha um ordenamento mais moderno, onde, não podia faltar no cinema num festival de música, dona Zica da Mangueira, Beto Sem Braço, Bezerra da Silva e um punhado de representantes da escola de samba mangueirense com grupo de exibição. Zeca Pagodinho, esse era sempre convidado pela Comissão formada pelos internos para organizar um ou outro evento pelo Clube Carcerário Recreativo dos Internos (CCRI), mas nunca comparecia ou não aceitava o convite.

A Instituição modernizada já era uma mistura explosiva de presos assaltantes a banco, traficante e alguns remanescentes da era dos políticos da década de 1960, disputa poderosa, preocupações internas e questões internacionais alimentava o chamado de uma liderança que se apoderaram do CCRI. Em década recente, a Esquerda havia lutado contra governantes estadistas de direita Nacional por direitos e privilégios, em especial pelo direito de investir novos comportamentos e libera-los com os ordenamentos da Lei Penal: o regulamento e o processo. Líderes e seus partidários dentro da Prisão viam a Abertura Política como um meio de mudar a autoridade de Estado à frente do mundo social, sem que fosse preciso confiar em autoridades incontroláveis.

Já fazia algum tempo que vários pensadores do Efetivo Carcerário sustentavam que a violência coletiva era permissível e justificável. “O presidente do CCRI” uma figura desconhecida além

de tudo contrária as normas da Casa – mentor da organização da Falange Vermelha – manifestara muito interesse na guerra em nome da Justiça e inclusive propusera a criação de uma Organização de Representantes do CCRI, composta por diretores esportivo, cuja, necessidade se mostrou ainda mais premente, com início das lutas entre rivais de muitos anos no domínio de redutos e a cúpula. Os internos do clube recreativo, uns defensores, leais do presidente reunira os escritos de autores Revolucionários sobre teoria de guerra justa para apoiar os esforços dos seus Representantes. Esses reformadores também eram influenciados pela noção de que a Justiça tinha de se aproximar da massa carcerária; isso, por sua vez, fundamentava o fenômeno dos exércitos revolucionários carcerários, que ofereciam aos internos novatos a chance de aderir e defender o poder da quadrilha em troca do perdão de seus débitos de custódia.

Os eventos mundiais também desempenharam seu papel nisso. Em 1980, até o final da década, encontrava uma série de cartas pedindo as mais altas autoridades dos Direitos Humanos, “diga se de passagem no Brasil e no mundo”, a mordomia dos internos intitulados “os deuses todo-poderosos da massa carcerária”, que haviam sofrido uma grande derrota durante a ditadura militar dez anos antes nos julgamentos dos tribunais na Cidade, no Rio de Janeiro capital do Estado. Estabelecendo um vínculo claro entre lutar pela Justiça e a prática da indiferença, Comissão de Defesa do Preso prometia recompensa para a massa carcerária. As ansiedades do

Sistema Penal aumentaram ainda mais em virtude de notícias – em grande medidas absurdas, mas amplamente aceitas como fato – de que o modesto constante fluxo de presos chegando a Ilha Grande estava sendo, sistematicamente

aumentando, ou pior do que isso chegava reforços de lideranças rigorosas nas comunidades, onde haviam tomado o lugar do Estado mais dominado do Brasil no controle dos morros da Cidade carioca em 1980.

### *VOLANTES*

VOLANTES, eram patrulhas que no tempo das prisões na Ilha Grande se desenvolveram na busca de prisioneiros em fuga no território, insular ou no continente próximo, onde deslocavam a qualquer dia e hora com finalidade de recapturar elementos foragidos do Presídio.

Nessas missões se valiam das qualidades e os defeitos, que caracterizavam o homem da volante e o artista que eram nas matas da Ilha Grande durante a sua vida funcional:

— Carregavam uma fé inabalável no seu jeito de ser - cada um volante carregava no seu gênio a fé enterrada no mais profundo de si mesmo, e uma vontade inalterável de prosseguir no seu objetivo, como se fosse o artesão da corte e a recaptura de um prisioneiro uma peça de arte, apesar das dúvidas que o assaltavam e dos acessos de desânimo que de vez em quando vinha de encontro a um traço de caráter muito freqüente no homem da volante do “Presídio da Ilha Grande”.

Os volantes eram Guardas do Presídio e ou Policiais Militares que tinham o conhecimento específico da região, conhecedor de todas as trilhas e de todo o

terreno coberto pela floresta, compreendendo os mínimos detalhes que o território da ilha oferece como: costeiras, cachoeiras, tocas, cordilheiras, tapera, caminho os mais diversos e antigos pelo centro da mata, praias e seus ranchos de canoas e qualquer embarcação próxima das praias da Ilha Grande eram de conhecimento dessas patrulhas bem como uma infinidade de outras particularidades que oferece a grande ilha. Sem deixar de lado a população que fazia parte do conhecimento daqueles homens, cada um dos cidadãos (homens, mulheres e crianças) da ilha fazia parte do conhecimento pessoal dos patrulheiros da volante, como se fossem procedido censo periódico de pessoas e de suas características sociais, econômicas e culturais. De forma que as volantes eram de grande importância na interação e segurança do povo, o que foi responsável por um fenômeno recíproco que garantiu o funcionamento ao longo dos tempos desse serviço, sem ele a volante ficava na impossibilidade de êxito e, conseqüentemente, a segurança do Presídio se tornaria fragilizada:

— Os trabalhos preliminares das Volantes exigiu muito esforço para colocar

o Serviço de Segurança da prisão da Ilha Grande em condição de agir adequadamente no caso de uma fuga como é esta do Cinema. É ela a responsável pela recaptura.

— No momento em que o preso se afastava do perímetro da prisão, compreendendo a Vila Dois Rios toda considerava uma fuga, e nesse caso, a volante entrava em ação. Primeiramente, alguns volantes saem em campo para fazer uma investigação aqui na redondeza da Vila.

Os serviços das volantes de hoje tem por finalidade recapturar o vulgo interno Bigode e seu bando, o início do serviço das volantes hoje aqui no Cinema se deu quando descobriram que os prisioneiros em fuga saíram roçando o alicerce do prédio deste galpão de espetáculo. Há debaixo do palco um pequeno túnel (buraco aberto na superfície e avança pelo subsolo), mais ou menos de um metro de profundidade cavado parece que para atender o interno Saldanha, que hoje sua imagem, os sussurros do dia liga a de um monstro. O vulgo “Bigode”, e, o bando escapara atravessando a parede na base inicial, sob o alicerce saindo do lado de fora, bem próximo a parede, quase debaixo da guarita policial voltada para o interior da prisão.

Francisco Euzébio, quando olhou aquilo tudo revirado em torno da saída do túnel, com cara de experiência ele

exclamou: — “nô, é possive nô, sei nô! Mas esses presos tão longe! E, saiu com alguns parceiros de volante, pelos fundos do presídio, passou pelo estábulo e foi caminhando de vagar com olhos de bisbilhotice, falando do Gravatinha:

— “Gravatinha ô ô ô, um um, anda muito! “E é esperto deve é tá muito longe”. Nesta parola ele andou até a ponte do Estábulo. Ali ele fez uma parada estratégica de mestre de volante, olhou entorno de si, a hora, o tempo e calculou o quanto lhe restava de dia. Era um homem alto e feioso, com uns olhos meio grandes, rigoroso e amável e se tivesse bigode seria preto. Sempre que estava numa fuga, tinha companheiro, a servir lhe de confirmador de rastros, prontos a fazer-lhes os caprichos. Tudo dele era para os companheiros. Eles mexiam no seu dote natural a fazer-lhe falar o que falava com a sua fala rude natural do sertão da Ilha Grande. A todos os tratava com uma bondade que não conhecia mau humor. Se riu mandando uns auxiliares entra beirando o rio e subir pela cachoeira que corre da Olaria. Olhando os fundos das casas dos colonos-livres que moravam do lado, abaixo da estrada. Ele mesmo foi pela estrada. E os outros companheiros trataram de lhe acompanhar.

Ligado à fuga, um colono já havia faltado o confere. Esta história continuará em uma das próximas edições. Obrigado.

#### EXPEDIENTE

O TEXTO é da inteira responsabilidade de Hotair, Rua Paraná, nº 09, Vila Dois Rios, Ilha Grande, RJ.